

Violência contra a mulher: a percepção de usuárias de uma unidade de saúde de Belém

Violence against women: the perception of users of a health unit in Belém

DOI:10.34119/bjhrv4n4-167

Recebimento dos originais: 05/06/2021

Aceitação para publicação: 05/07/2021

Juciane Sousa Dias

Acadêmica de Enfermagem

Instituição de atuação atual: Universidade do Estado do Pará - UEPA

Endereço institucional: Avenida José Bonifácio, 1289, Guamá, Belém/Pa

E-mail: jucisaid@gmail.com

Ana Carla Vilhena Barbosa

Acadêmica de Enfermagem

Instituição de atuação atual: Universidade do Estado do Pará - UEPA

Endereço institucional: Avenida José Bonifácio, 1289, Guamá, Belém/Pa

E-mail: vilhena27aj@gmail.com

Beatriz Christina Matos dos Santos

Enfermeira pela Universidade do Estado do Pará – UEPA

Endereço pessoal: Rua Engenheiro Fernando Guilhon, n° 2234 casa 19. Cremação, Belém/Pa.

E-mail: beatrizchristina51@gmail.com

Carla Patrícia Santos dos Santos

Enfermeira Especialista em UTI Adulto e Neonatal – UNIFAMAZ/2014

Instituição de Atuação Atual: Enfermeira assistencial na UMS Tavares Bastos/ SESMA e Enfermeira assistencial no Hospital Oncológico infantil Otávio Lobo - Sesma/PMB

Endereço pessoal: Av. Tavares Bastos,1474. Condomínio Piazza Toscana. Belém/Pa

E-mail: cpatriciasantos@hotmail.com

Georgia Helena de Oliveira Sotirakis

Enfermeira Pós-Graduada em Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde - FAVENI.

Endereço: Tv. Amazônia, quadra J2, casa 15. Imperador, Castanhal/Pa.

E-mail: ghsotirakis@gmail.com

Nillana da Conceição de Castro Rodrigues

Acadêmica de enfermagem

Instituição de atuação atual: Universidade do Estado do Pará - UEPA

Endereço institucional: Avenida José Bonifácio, 1289, Guamá, Belém/Pa

E-mail: nillanarodrigues@hotmail.com

Sammy Adrielly Guimarães Martins

Acadêmica de Enfermagem

Instituição de atuação atual: Universidade Federal do Pará - UFPA
Endereço pessoal: Passagem do Arame, n° 268 – Pedreira, Belém/Pa
E-mail: sammyguimaraes89@gmail.com

Dione Seabra de Carvalho

Enfermeira Doutoranda em Sociologia e Antropologia - PPGSA/UFPA
Instituição de atuação atual: Enfermeira assistencial do setor da Mastologia da
UREMIA/SESPA e docente da Faculdade Cosmopolita
Endereço pessoal: Travessa bom jardim 970, Jurunas, Belém/Pa
E-mail diseabra10@gmail.com

RESUMO

Objetivo: Descrever a percepção das usuárias de uma unidade de saúde sobre os diferentes tipos de violência contra a mulher, afim de empoderar acerca dos comportamentos que podem caracterizar diferentes graus de violência. **Metodologia:** Pesquisa descritiva, do tipo relato de experiência, realizada com usuárias de uma Unidade Municipal de Saúde, norteado pela Metodologia da Problematização do Arco de Magueréz. Os dados foram coletados nos meses de março e abril de 2019. **Resultados:** Identificou-se que o tipo de violência mais conhecido entre as mulheres é a física e que a maioria das mulheres já sofreram algum tipo de violência. **Conclusão:** Notou-se o déficit de conhecimento das mulheres sobre os variados tipos de violência contra a mulher, além da constatação de que são necessárias mais abordagens sobre o tema devido a sua importância social e para o exercício da profissão.

Palavras chaves: Violência contra a mulher, Empoderamento, Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To describe the perception of users of a health unit about the different types of violence against women, in order to empower them about the behaviors that can characterize different degrees of violence. **Methodology:** Descriptive research, of the experience report type, carried out with users of a Municipal Health Unit, guided by the Arc of Magueréz Methodology of Problematization. Data were collected in March and April 2019. **Results:** It was identified that the best known type of violence among women is physical violence and that most women have already suffered some type of violence. **Conclusion:** The deficit of knowledge of women about the various types of violence against women was noted, in addition to the finding that more approaches on the subject are needed due to its social importance and for the exercise of the profession.

Keywords: Violence against women, Empowerment, Nursing.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é resultado de um processo histórico de violação aos direitos humanos e fundamentais, e de discriminação que o gênero feminino enfrenta ao longo de décadas, fenômeno esse presente em todas as sociedades¹. Desse modo, torna-

se um problema de saúde pública e de direitos humanos englobando vítimas em todo o mundo².

Nesse contexto, a violência contra a mulher é conceituada pela Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (1995) ou Convenção de Belém como “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado”¹.

Na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006) o art. 7º traz como formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras: violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial e violência moral³.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), na região das Américas, uma em três mulheres sofre violência doméstica praticada pelo parceiro íntimo ou violência sexual praticada por outra pessoa que não seja o parceiro². O 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2018, traz que o número de estupros no Brasil cresceu 8,4% de 2016 a 2017, passando de 54.968 para 60.018 casos registrados, ou seja, seis mulheres são estupradas por dia⁴.

Apesar da gravidade desse problema e do crescimento alarmante de agressões físicas e morais, ainda há omissões de denúncias por parte dessas mulheres vítimas de violência, por não se sentirem seguras⁵ ou, por essa violência se manifestar de diversas formas e com diferentes graus de severidade, não enquadrar tais atitudes como violência contra a mulher.

Desse modo, a utilização de espaços públicos, para a promoção de campanhas educativas, como forma de prevenção à violência de gênero, sensibilizando sobre a percepção da violência à mulher, é de fundamental importância para a desnaturalização de comportamentos que venham a oprimi-la nos diversos meios⁶.

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo: descrever a percepção das usuárias de uma unidade básica de saúde sobre os diferentes tipos de violência contra a mulher.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, do tipo relato de experiência tendo como foco central a temática de Violência contra a Mulher. Tendo como base norteadora a metodologia da problematização proposta pelo Arco de Magueréz, o qual, segundo Berbel (2011)⁷, parte da realidade social e após análise, levantamento de hipóteses e

possíveis soluções, retorna à realidade. Assim, para realizar essa metodologia, faz-se necessário a operacionalização de cinco etapas: observação da realidade; levantamento de pontos-chaves; teorização; hipóteses de solução e a aplicação à realidade.

O estudo se desenvolveu durante as atividades práticas do Componente curricular Saúde da Mulher na Atenção Primária, entre os dias 25 de março e 02 de abril de 2019 em uma Unidade Municipal de Saúde, localizada em um bairro no centro de Belém do Pará. No momento da entrevista e conversa com as mulheres para preenchimento do impresso para a realização do exame Preventivo do Câncer de Colo de Útero (PCCU) foi possível conhecer a sua percepção sobre a temática central abordada. Foi perguntado sobre o entendimento de violência contra a mulher, que tipos de violência conheciam, se já tinham ouvido falar sobre determinado tipo de violência e se sabiam sobre o que se tratava e até mesmo se já haviam passado por alguma situação de violência ou mesmo conheciam alguma mulher que passou, assim como sobre quais tipos de violência as mesmas não sabiam que se encaixava no termo violência contra a mulher.

Para culminância do Arco de Magueréz, foi feita uma atividade de Educação em Saúde, com o intuito da disseminação de saberes a respeito dos diversos tipos de violência que atingem as mulheres e como elas podem se proteger deste ato, com apresentação de folder explicativo (Apêndice A), finalizando com a prática Ho'oponopono.

3 RESULTADOS

Com base no decorrer da conversa com as participantes acerca dos conhecimentos em relação a cada tipo de violência, foram evidenciadas que mais da metade das usuárias conheciam as Violências Física, Sexual e Psicológica, e nenhuma delas conheciam a Violência Simbólica.

Durante as conversas com as mulheres houve vários relatos de violência física (por parte de parceiros) e obstétrica. Mesmo com os relatos de violência, algumas não quiseram especificar o tipo da mesma. Muitas conheciam alguém que já tinha passado ou ainda passava pela VCM, sendo que dentre todos os tipos de violência exposto para elas, os índices mais decorrentes nos casos foram as violências física e psicológica.

Com base na última etapa disposta na metodologia utilizada, durante a volta à realidade foi realizada uma roda de conversa, com a distribuição de folders sobre VCM produzidos pelas pesquisadoras, e que culminou numa maior interação entre as mulheres, na qual foi perceptível o real interesse nas abordagens que estavam sendo realizadas, assim como a participação ativa de algumas delas por meio de contribuições pessoais e

conhecimentos prévios. Além disso todas estavam dispostas a participar da dinâmica do Ho`oponopono oferecida ao final e realizaram com êxito, demonstrando satisfação na proposta. Em seguida as usuárias iriam realizar o exame preventivo de PCCU, onde foi possível notar que através da roda de conversa e da dinâmica final estabeleceu-se um vínculo com as clientes de maneira que o diálogo, o fornecimento de informações e o entendimento entre clientes e pesquisadoras foi facilitado.

4 DISCUSSÃO

A visão que a sociedade possui da mulher vem sofrendo diversas modificações com o passar dos anos. Entretanto tais modificações ainda não foram suficientes para acabar com a imagem da mulher "submissa" e subserviente", na maioria das vezes, ao posicionamento do homem⁸. Este fator é refletido diretamente em como essa mulher é tratada no seio familiar, na rua, em casa, na escola, faculdade, no trabalho e em locais públicos, culminando muitas das vezes em atos de violência, seja ela de qual tipo for.

A violência contra a mulher mesmo não sendo algo novo ainda é um tabu a ser vencido⁹, visto que observou-se a nível geral, as reações de hesitação, dúvida, negação e até mesmo medo que as mulheres demonstraram desde a apresentação da temática dos questionamentos até o posicionamento delas sobre as perguntas realizadas.

Quando se leva em consideração o entendimento geral das mulheres questionadas acerca do que é violência contra a mulher percebe-se que a maioria respondeu de maneira coerente em comparação com a definições dadas pelas bases teóricas pelas quais definem VCM, de maneira geral, como sendo quaisquer ataques agressivos ou omissão a pessoa e grupos e que podem gerar complicações psicológicas, físicas ou sexuais, além de atos de ameaças, coerção e privação de liberdade em público ou em privado³, como pode-se destacar de modo geral no que vem a ser compreendido pelas pesquisadoras a partir das falas das mulheres.

Segundo a Lei Maria da Penha, nº 11340/06 está incluso como VCM a violência física, sexual psicológica, patrimonial e moral, tal dado corrobora com os achados acerca dos conhecimentos sobre a violência contra a mulher conhecidos pelo público alvo em que há o destaque para a violência física sendo a mais citada pelas mulheres.

Partindo do pressuposto de que segundo o Mapa da Violência 2018¹⁰ foram identificados mais de 68 mil casos de violência contra a mulher no Brasil e o achado do presente estudo de que muitas das mulheres ouvidas já sofreram algum tipo de violência constata-se que a violência contra a mulher é uma situação em crescente e que se faz

necessário intervenções adequadas e capacitação de qualidade para os profissionais que virão a trabalhar com este cenário.

Ainda segundo o Mapa da Violência 2018¹⁰ a cada 17 minutos uma mulher é agredida fisicamente no Brasil e a cada meia hora alguém sofre violência psicológica e moral, tais dados encontram-se em consonância com o verificado pelas pesquisadoras em que a maioria das mulheres relatou já ter sofrido violência física e/ou violência psicológica em algum momento da vida. Tal quadro ratifica o fato de que a violência contra a mulher é um problema de saúde pública que necessita de estudos envolvendo diversas esferas de poder para em conjunto com essas mulheres, criarem medidas eficazes para a redução desses números e fazer frente a VCM no país.

Por conseguinte, em relação as mulheres que conheciam terceiras que já tinham sofrido violência contra mulher, é perceptível o alto índice de mulheres vítimas do ato, variando desde casos simples como atos de violência psicológica aos casos muito mais graves como violência obstétrica e violência física seguida de morte (feminicídio).

Tais achados encontram-se em consonância com as taxas de VCM em Belém/PA, visto que segundo o Monitor de Violência e a SEGUP 2018¹¹ cerca de 2 casos de violência são registrados a cada 1 hora somente na cidade. Além de que o Pará já é considerado o 8º estado em números de feminicídio e esses números cresceram em 20% de 2017 para 2018, ou seja, é visível que apesar do desenvolvimento e diminuição de casos de violência contra mulher em comparação com anos anteriores, ainda assim os casos espalhados – notificados ou não – ainda são existentes e prevalentes no grupo feminino.

O termo sororidade, que consiste na união e aliança entre mulheres baseado na empatia e companheirismo em busca de alcançar objetivos em comum, vem sendo cada vez mais falado no universo feminino e devido ao seu significado faz com que ele seja de fundamental importância, e até mesmo uma ferramenta, no combate a VCM. E a técnica Ho'oponopono auxilia na tomada de consciência do universo em que se está inserido e mais ainda dos atos e atitudes realizadas por cada indivíduo, a repetição das frases " Sinto muito", "Me perdoe", "Eu te amo" e "Sou grato" propicia uma alteração de memórias negativas e à uma cura progressiva¹². Na culminância do presente estudo utilizou-se de tais meios para estimular o engajamento e empoderamento feminino frente a VCM.

5 CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA

O estudo contribui para uma formação mais qualificada das pesquisadoras, uma vez que se trata de um tema de grande relevância no cenário atual, que perpassa tanto

pelo âmbito da saúde, quanto pelo social, além de contribuir para o acervo bibliográfico sobre o assunto e o empoderamento feminino acerca da temática violência contra a mulher.

6 CONCLUSÃO

Diante da experiência vivenciada com as mulheres durante a prática curricular na unidade de Saúde, foi possível perceber o déficit sobre o tema abordado, constatando que o maior percentual de conhecimento relacionado aos tipos de violência que acometem as mulheres está sob a violência física e quando comparada as outras que também são tipos de violências graves, esse percentual decaiu, vale ressaltar que todos os outros tipos de violência são respaldados pela Lei Maria da Penha, nº 11340/06.

O aspecto positivo do estudo foi o esclarecimento dos diversos tipos de violências que muitas mulheres não conheciam e foram identificando através de situações exemplificadas, com isso foi possível se ter uma melhor compreensão de que a violência não é só física, podendo ter muitas outras faces.

É imprescindível que se tenha mais abordagens sobre o tema, pois apesar de ser um tema conhecido, devemos frisar e sinalizar para os outros tipos de violência existentes, se a percepção do ciclo de violência for feita desde as situações menores, pode-se evitar que aquela mulher sofra feminicídio. Falar de violência nunca é demais, é prevenção, é empoderamento e sensibilização.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Concepção e desenho, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica, revisão final: Ana Carla Vilhena Barbosa, Beatriz Christina Matos dos Santos, Carla Patrícia Santos dos Santos, Dione Seabra de Carvalho, Georgia Helena de Oliveira Sotirakis, Juciane Sousa Dias, Nillana da Conceição de Castro Rodrigues e Sammy Adrielly Guimarães Martins.

REFERÊNCIAS

- 1 COSTA A, SOUZA L, CHAGAS M. Convenção Interamericana Para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher – Convenção de Belém do Pará. In: LOPES A, JUCÁ R, COSTA A. Gênero e Tráfico de Mulheres. Florianópolis: Conceito editorial; 2013. p. 147-54.
- 2 ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Violência Contra a Mulher: Estratégia e Plano de Ação para o Reforço do Sistema de Saúde para Abordar a Violência Contra a Mulher. Washington: 54º Conselho Diretor; 2015.
- 3 Brasil. Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Diário Oficial da União 8 set 2006; 1:1.
- 4 FIOCRUZ. [homepage na internet] Violência Contra as Mulheres vem Crescendo no Brasil. [acesso em 01 mai 2019]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br>
- 5 PEREIRA I, LIMA M, MORAIS F. Violência Contra Mulher: Compreensão dos Significados e Atitudes Junto às Mulheres e aos Profissionais de Enfermagem. Rev Cien Esc Saúd; 2011 out-2012 mar; 1(1): 63-77.
- 6 SANTOS A, WITECK G. Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. In: Mostra do XIII Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea; 2016 out 24-25; Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul; 2016.
- 7 BERBEL, N.A.N. Metodologia da Problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o Ensino Superior. Semina, Londrina, v. 16, n. 2, n. esp., p.9-19, 1995. _____As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, 20
- 8 SILVA, G. C. C. *et al.* A mulher e sua posição na sociedade: Da antiguidade aos dias atuais. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 65-76, 2005. [Acesso em 15 mai 2019]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006&Ing=pt&nrm=iso.
- 9 INDICADORES DE CIDADANIA. Violência contra a mulher. INCID, 12 jan, 2015. [Acesso em 15 de mai. 2019]. Disponível em: incid.org.br.
- 10 COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER. Mapa da violência contra a mulher 2018, jan.-nov, 2018. [Acesso em 9 mai. 2019]. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia_pagina-cmulher-compactado.pdf&ved=2ahUKEwjEzfKv-p7iAhXvHrkGHQ7dDckQFjAGegQICRAB&usg=AOvVaw26fPTdtPpFOZneHuBByrPT.
- 11 SÓTER G, MAIA C. Pará registra aumento de 20% nos casos de feminicídio e mais de 19 mil ocorrências de agressão contra a mulher. **G1 Pará**, Pará, 08 mar, 2019. [Acesso

em 15 mai. 2019]. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/03/08/para-registra-aumento-de-20-nos-casos-de-feminicidio-e-mais-de-19-mil-ocorrencias-de-agressao-contra-a-mulher.ghtml>.

12 SONAGLIO, L. T.; SLAVIERO, V. L. O Ho'oponopono como técnica para resignificação de memórias inconscientes. Rev. Saúde quântica; v. 4, n. 4, p. 25-34, 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A - FOLDER EXPLICATIVO

VIOLÊNCIA DE GÊNERO

QUALQUER AÇÃO OU OMISSÃO BASEADA NO GÊNERO QUE LHE CAUSE MORTE, LESÃO, SOFRIMENTO FÍSICO, SEXUAL OU PSICOLÓGICO E DANO MORAL OU PATRIMONIAL (LEI MARIA DA PENHA, Nº 11.340)

<p>FÍSICA Te empurra Te chuta Te amarra Te bate Te violenta</p> <p><i>identifica o seu corpo</i></p>	<p>PSICOLÓGICA Te humilha Te insulta Te isola Te persegue Te ameaça</p> <p><i>identifica a sua autoestima</i></p>	<p>SEXUAL Te pressiona Te exige práticas que você não gosta Se nega a usar preservativo Te nega o direito a métodos contraceptivos</p> <p><i>se apropria da sua sexualidade</i></p>
<p>SIMBÓLICA Piadas relacionadas à inteligência, ou capacidade da mulher Publicidade que objetifica a mulher e a coloca como inferior, reforçando que ela seja mãe ou dona de casa Mulher representada como objeto sexual Reforço de estereótipo negativo através da mídia e da sociedade</p> <p><i>empodera duas mulheres</i></p>	<p>PATRIMONIAL E ECONÔMICA Controla seu dinheiro Não te dá permissão para fazer certas compras Destruição de seus objetos Não te deixa trabalhar Oculta bens e propriedades</p>	

EM 2018, NO BRASIL

- Cerca de 1,6 milhões foram espancadas ou tentativas de estrangulamento;
- 22 milhões passaram por assédio;
- 42% dos casos de violência é doméstica e mais da metade não denunciaram o agressor ou procura ajuda;
- Mulheres pretas e pardas são mais vitimadas, assim como as jovens (27,4% possuem em média 16 anos ou mais).

(Datafolha para FBSP 2019)

- Segundo o monitor de Violência e fontes da SEGUP, o Pará é o 7º estado com mais mulheres vítimas de homicídios e 8º em número de feminicídios.
- A cada 1 hora cerca de 2 casos são registrados em Belém;
- Em 2018, aproximadamente 14 mil relatos de agressão;
- Os casos de feminicídio cresceu em 20% (58 casos).

(Monitor de Violência e SEGUP, 2019)

IMPACTOS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SAÚDE

Insônia e Cansaço

Ansiedade

Dor de cabeça

Enjôo, Distúrbios gastrointestinais

Alimentação inadequada

Insegurança

Baixa auto estima, depressão, síndrome do pânico, tristeza, solidão

NO BRASIL

12 mulheres são ASSASSINADAS POR DIA

Dos 4.473 homicídios de mulheres em 2017, 211% foram considerados feminicídio pelo Ministério Público

135 MULHERES SÃO ESTUPRADAS POR DIA

65% dos casos acontecem em casa

NO MUNDO

1 de cada 10 MENINAS ADOLESCENTES já sofreu abuso sexual

35% das mulheres já sofreram algum tipo de violência física ou sexual

Mulheres molestadas pelo parceiro têm duas vezes mais chances de aborto, depressão e alcoolismo

Ciclo da Violência

Fase em que o agressor se arrepende e tenta agradar para que as coisas fiquem bem de novo.

RECONCILIAÇÃO

“Eu vou mudar, isso não vai mais acontecer”

Agressor se mostra tenso, irritado e cheio de desconfianças.

AUMENTO DA TENSÃO

“Pra onde você vai com essa roupa?”

Esta fase corresponde à explosão do agressor, ou seja, a falta de controle chega ao limite e leva ao ato violento, nessa fase toda a tensão acumulada se materializa em violência verbal, física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial. Quando isso ocorre há o distanciamento dos dois.

DISTANCIAMENTO

ATO DE VIOLÊNCIA

BATER QUEBRAR OBJETOS
XINGAR DIFAMAR FEMINICÍDIO
FORÇAR O ATO SEXUAL DIMINUIR

LIGUE 180

Central de Atendimento à Mulher

- Atendimento 24h
- Gratuito
- Confidencial
- Via email: ligue180@spm.gov.br

DEAM

Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher

Localizados na TV. Mauriti, nº 2394, entre Rômulo Maiorana e Duque de Caxias – Marco, Belém. DEAM atendimento. PROPAZ atendimento de segunda a sexta, de 8h às 18h. Fone: (91) 3246-6803

PATRULHA MARIA DA PENHA

Acionada pelo TJ, quando há denúncia. Funciona com revezamento de 20 militares treinados para dar apoio e fiscalizar o cumprimento das medidas protetivas e segurança às mulheres vítimas de violência doméstica.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO PARÁ

Atendimento de segunda a sexta-feira, de 8h às 14h, plantão de 14h às 17h. Endereço: Rua Padre Prudêncio, nº 154, esquina com a rua Manoel Barata. Fone núcleo da mulher: 3201-2744

SUBGRUPO B1
ANA CARLA BARBOSA
BEATRIZ SANTOS
GEORGIA HELENA SOTIRAKIS
JUCIANE DIAS

ORIENTADORA
PROFª DIONE SEABRA

NÃO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER